

# COMUNICANDO HISTÓRIAS APAGADAS: O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO RESGATE DA MEMÓRIA NEGRA

**Bruna Viana de Carvalho**

Graduanda em Jornalismo – Centro Universitário Teresa D'Ávila

**Daniele Bittencourt**

Professora nos cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Teresa D'Ávila. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila (2016). Pós-graduada em Docência no Ensino Superior: Educomunicação pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila, Lorena-SP (2017). Mestre em Design, Tecnologia e Inovação pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila, Lorena-SP (2020)

## RESUMO

O bairro da Liberdade, apesar de ser conhecido como um pedaço da Ásia e ter a maior comunidade japonesa fora do Japão, carrega em sua história um passado escravista. O bairro abrigou lugares importantes para a memória negra, principalmente histórias de luta do povo negro na época colonial. Este artigo faz um breve resumo sobre essas memórias e apresenta como a comunicação tem papel fundamental em difundir informações, explorar novas narrativas e tornar a negritude protagonista por meio da veiculação de informações pelas mídias negras. Esta obra é uma pesquisa de revisão bibliográfica, que analisa conteúdos e apresenta conceitos e discussões a partir de autores, que descrevem os fatos da época, como Onaga (2022) e Barone (2021). Destaca-se o papel das mídias negras no combate ao racismo, com a definição de novas agendas a partir da temática racial. Além disso, discute sobre conceito de “decolonialidade”, explicado por Oliveira e Veloso (2022), a fim de entender as práticas jornalísticas realizadas por essas mídias negras e como isso influencia na construção de novas memórias coletivas, que reescrevem a história, deixando de lado os estereótipos racistas. Identifica-se também sobre o processo de apagamento cultural, que foi feito de maneira intencional, partindo do princípio colonial (Missiato, 2021), e inserido no contexto de racismo estrutural, que pode ser analisado pelo histórico no bairro da Liberdade. Com base nos estudos de Brito (2022), entendemos também sobre o caráter político e social da imprensa negra, e como essa comunicação antirracista resgata histórias negras, e pode ser considerado um dos maiores instrumentos de combate ao racismo pela população negra, ao comunicar, registrar e denunciar desigualdades.

**Palavras-chave:** *Comunicação. Mídia negra. Memória negra. Bairro da Liberdade.*

## 1 INTRODUÇÃO

A imprensa negra no Brasil sempre teve um papel fundamental na produção e difusão de conteúdos sobre questões étnico-raciais do povo negro, utilizando da

tecnologia da comunicação como forma de denunciar o racismo, educar sobre os direitos e preservar a identidade negra. Por meio da prática jornalística, a imprensa negra surge reivindicando espaço social e valorizando a negritude.

O bairro da Liberdade, que é um dos pontos turísticos mais famosos da cidade de São Paulo, carrega em sua origem um passado escravista, e principalmente memórias esquecidas de resistência negra. O local alocou diversas instituições importantes para a comunicação do ativismo negro, como a Frente Negra Brasileira (FNB), que foi uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira. A organização possuía um órgão de imprensa, “A Voz da Raça”, que foi um veículo produzido por negros para negros, que circulou de 1933 a 1937, e veiculou mensagens de liberdade que ajudaram a escrever a história do movimento negro brasileiro da época.

No entanto, essa memória foi esquecida em meio ao processo de gentrificação do bairro da Liberdade, tornando-o majoritariamente oriental. As edificações, as feiras com barracas de comidas típicas japonesas, os postes iluminados com lanternas japonesas, os turistas com cosplays de animes e desenhos japoneses são símbolos que identificam o bairro da Liberdade como japonês. Em 2018, a Praça da Liberdade teve o seu nome alterado para Praça Japão-Liberdade, e trouxe questionamentos e críticas sobre um apagamento cultural em relação às outras etnias que vivem no bairro, principalmente à população negra. No mesmo local, existiu o Largo da Forca, que marcou a história de pessoas negras escravizadas, que eram acusadas de crimes e condenadas à morte por enforcamento público. Em 2023, no dia 1º de junho, o local passou a ser chamado de Liberdade-África-Japão, como forma de preservação e resgate cultural.

A partir dessa breve contextualização, destaca-se o objetivo deste artigo: fazer um histórico da memória negra do bairro da Liberdade, analisando a importância e o papel da comunicação na valorização, preservação e resgate da cultura negra no Brasil. Identificar o que é o processo de apagamento cultural e como ele está inserido no contexto de racismo estrutural. Discutir a contribuição de coletivos de mídia negra como comunicadores de pautas raciais e agentes atuantes na preservação e resgate da cultura negra. Além de analisar como a comunicação faz parte do caráter político de valorizar a cultura negra, auxiliando no processo de exigir direitos e questionar o Estado em todas as dimensões da vida cotidiana.

Neste artigo, também é discutido a recente retomada de preservação cultural, com a criação do Memorial dos Aflitos, recém instituído pela Prefeitura Municipal de São Paulo, por meio da reivindicação de movimentos negros. Para tanto, faremos uma contextualização histórica acerca do Bairro da Liberdade como um espaço de resistência e história da cultura afro-brasileira e, em seguida, discorreremos brevemente sobre o conceito do apagamento cultural e como a comunicação tem papel fundamental em dar notoriedade para essas pautas. Além de abordarmos os principais lugares importantes de memória e instituições da vida afro-brasileira no Bairro da Liberdade.

Este trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica, analisando conteúdos e apresentando conceitos e discussões a partir de autores, que trazem o histórico e descrevem os fatos da época, como Onaga (2022) e Barone (2021). Analisamos também iniciativas da comunicação, em destaque de mídias negras, como a Agência Alma Preta Jornalismo, que é o principal veículo especializado em temática racial, e atua na mídia a fim de trazer notoriedade às questões da população negra. Além disso, discute sobre conceito de decolonialidade<sup>1</sup>, explicado por Oliveira e Veloso (2022), a fim de entender as práticas jornalísticas realizadas pela mídia negra. E destaca o papel da imprensa negra como agentes atuantes sociais e políticos, com base nos estudos de Brito (2022), para entender a movimentação de mídias negras e o seu papel de destaque na comunicação.

O tema se torna relevante, pois, por meio deste estudo, podemos analisar o papel dos coletivos de mídia negra na atuação de preservação e resgate cultural. Além de trazer relevância para pautas de apagamento cultural para a sociedade, entendendo como o processo de gentrificação pode excluir e marginalizar culturas no Brasil. Dessa forma, o estudo pode auxiliar em mais pesquisas sobre o papel do jornalismo na noticiabilidade de pautas marginalizadas e de importância social.

## **1 A MEMÓRIA NEGRA NO BAIRRO DA LIBERDADE**

A memória negra no bairro não é vista de maneira explícita. Sendo que muitos locais que antigamente eram instrumentos de repressão e violência contra pessoas negras escravizadas foram demolidos e apagados da história. Dando

---

<sup>1</sup>[...] A decolonialidade é proposta como uma lente crítica que, aliada à prática jornalística, questiona narrativas únicas e a construção de imagens estereotipadas sobre pessoas negras (ANDRADE e VELOSO, 2023, p. 167).

espaço para as estruturas, fachadas, iluminação e adereços que remetem ao Japão. Dessa forma, os espaços não são identificados e creditados com a sua origem, e para entender o porquê disso, é necessário revisitar a história do início do bairro.

Segundo Onaga (2022), nos tempos coloniais, a área que hoje conhecemos como bairro da Liberdade era conhecida como O Distrito Sul da Sé, local que guarda em sua história o rastro de uma estrada ancestral. Essa estrada constituía um eixo arterial e rotas secundárias por onde circulavam os habitantes das matas nativas que o invasor europeu acordou chamar de indígenas. O local era estratégico e o trajeto facilitou a penetração dos portugueses no planalto acima, a partir de São Vicente, subindo pela encosta da Serra do Mar.

Nesta época, foi instalado no local o Pelourinho, o aparato institucional, jurídico e militar vinculado ao poder da Coroa, que foi uma das maiores instituições de poder, autoridade e uso da força pelo Estado, e na mesma área estava o quartel, o fórum, a prisão, a forca, a casa de pólvora e o cemitério dos indigentes, soldados, escravizados e não batizados. Conforme descreve Barone (2021):

“Como alegoria, o pelourinho está associado à instituição da escravidão, como elemento de flagelo pela chibata. Por seu formato e finalidade, o instrumento se confunde no imaginário comum com o tronco das fazendas. No entanto, trata-se de um dispositivo público. Anteriormente à forca, o pelourinho é um instrumento do Estado colonial, o meio pelo qual a coroa implementava a ordem usando o recurso do castigo e da punição contra a violação das leis, com a pena de açoite. A forca tem uma função correlata para o Estado absolutista, instituindo a pena de morte. No entanto, a frequência de castigos em pessoas negras, escravizadas, livres ou libertas, detonava a função dos rituais de violência de Estado como mecanismos fundamentais de manutenção da própria ordem escravagista.” (BARONE, 2021, p.81)

A área do Pelourinho, em 1860, foi conhecida como uma “entrada” da cidade, principalmente para aqueles que vinham pelo caminho do mar. Com isso iniciou-se uma intensa mobilização do setor público na região, visando a implementação de melhoramentos públicos nos espaços do seu entorno. A cidade passou a ser modernizada e buscava assumir uma feição mais positiva no sentido republicano, bem como uma escala de polo regional, preparado para recepcionar uma população crescente e de múltiplas origens. Durante as melhorias, foram removendo aos poucos, os equipamentos de força do Estado no local. As instituições que foram

citadas anteriormente, foram demolidas, renomeadas e apagadas da história e memória oficiais para dar lugar à cidade republicana (ONAGA, 2022).

Apesar dos arquivos oficiais da época mostrarem que a região das praças já era denominada Largo da Liberdade, as demolições podem ser entendidas no sentido de apagar a imagem autoritária do Estado Imperial, como uma de preparação para a República, que implicava também o apagamento da memória da escravidão (BARONE, 2021, p. 84). Esse apagamento pode ser entendido como uma maneira bruta de desfazer das memórias de luta do povo negro no local, e da imagem violenta relacionada a força militar nas execuções realizadas no local.

Neste contexto, entra a figura emblemática popularmente conhecida como o “Santo Negro da Liberdade”, um dos maiores protagonistas da época. Francisco José das Chagas, mais conhecido como Chaguinhas, faz parte da história que inspirou o nome “Liberdade”. Chaguinhas foi um cabo negro do primeiro Batalhão dos Caçadores de São Paulo, liderando revoltas por salários melhores, e combatendo a injustiça da desigualdade salarial em relação aos militares portugueses, que na época recebiam salários maiores do que os negros. A revolta foi reprimida e Chaguinhas foi condenado à forca, mas pela história oral, no momento da sua morte, no Largo da Forca, a corda que o mataria foi arrebitada por três vezes.

Na época, era comum o perdão da pena quando o enforcamento não era consumado e as pessoas no local da execução pediram por sua liberdade. No entanto, Chaguinhas não foi perdoado e foi morto pauladas na frente de todos, e assim entrou para sempre no imaginário popular (ONAGA, 2022, p. 27)



Fig. 01. MARZ, Marília. Ilustração do Francisco José de Chagas, do HQ “Indivisível”.

Chaguinhas foi enterrado na Capela dos Aflitos, local que foi construído na entrada do primeiro cemitério público da capital paulista. Na época, era comum os sepultamentos no interior e nos arredores das igrejas, que eram custeados para ocupar as valas. Entretanto, a prática causava muitos problemas, como odores exalados dos cadáveres e contágio de novas doenças. Com o avanço da medicina e os surtos endêmicos, ocorria a proibição de sepultamentos dentro dos limites da cidade, mas a prática só acontecia durante os períodos de epidemia das doenças. Como a quantidade de mortos que não tinham recursos para custear seu enterro aumentava, se tornou um problema para a Igreja no período (BARONE, 2021, p. 85).

Em 1774, procurando atenuar esse problema, a Cúria criou um cemitério ao ar livre destinado a escravizados, indigentes e criminosos. O Cemitério dos Enforcados, conhecido posteriormente como dos Aflitos, foi instalado na saída da cidade, justamente na direção da descida para Santos. Apenas em 1854 foi criado o Cemitério da Consolação, primeiro cemitério público implantado pela administração municipal, destinado a todos os cidadãos, independentemente de sua posição social, dando fim à prática de sepultamentos no interior de igrejas (BARONE, 2021, p. 85).

Com a permissão da igreja católica para o loteamento da área, a capela foi sendo espremida pelas grandes construções ao longo do tempo. No meio da

urbanização da Liberdade, as ossadas e túmulos não foram removidos do local, e permanecem embaixo da terra nos arredores da capela. Na cultura oral, Chaguinhas ficou em uma cela de espera que os condenados à força ficavam, e ali permaneceu antes de sua morte, e este local foi transformado em um velário de devoção (Brasil de Fato, 2022).

Sua localização fica em uma rua sem saída, e carrega o simbolismo histórico da luta negra na capital paulista. E apesar do significado para a história, o espaço foi abandonado e ofuscado pelas lanternas japonesas e edifícios urbanos.

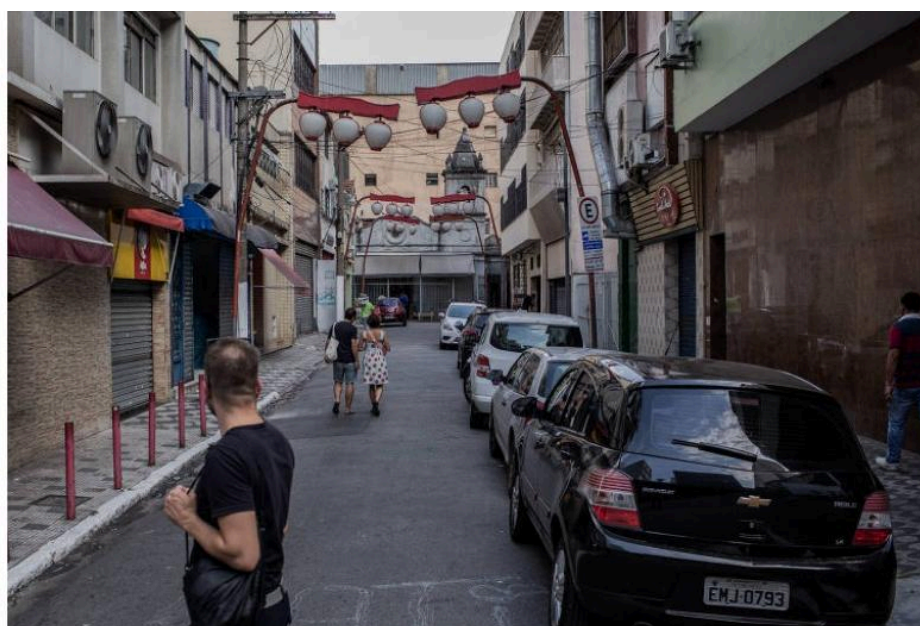


Fig. 02. ANIZELI, Eduardo. Um beco de 50 metros de extensão com uma capela de taipa de 1974 ao fundo é tudo que sobrou do primeiro cemitério público de São Paulo. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1609621348748110-capela-dos-aflitos>. Acesso em: 25 mai. 2024.

O Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo) aprovou no dia 22 de janeiro de 2024, a abertura de um processo de estudo para tornar patrimônio imaterial do estado o culto ao Chaguinhas, figura que tem mais de 200 anos de devoção da Capela dos Aflitos, no bairro da Liberdade. O processo passará por uma análise extensa feita por um corpo técnico de historiadores, sociólogos e arquitetos.

O bairro também alocou diversas instituições importantes para a comunicação do ativismo negro, como a Frente Negra Brasileira (FNB), que foi uma das principais organizações negras do país na primeira metade do século XX. A organização

possuía um órgão de imprensa, “A Voz da Raça”, que foi um veículo produzido por negros para negros, que circulou de 1933 a 1937, e veiculou mensagens de liberdade que ajudaram a escrever a história do movimento negro brasileiro da época.

“O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante” (GOMES, 2017, p. 21)

Os movimentos negros na época resistiram e tentaram lutar por igualdade. Além disso, surgiu também no local, as escolas de samba Paulistano da Glória, na Rua da Glória, entre os anos 1940 e 1980, e Lavapés Pirata Negro, a mais antiga escola de samba paulistana em atividade, fundada nos anos 1930, protagonizaram uma história de resistência aos imigrantes japoneses que chegaram no bairro.

Neste período, após a 2ª Guerra Mundial, com o aumento da chegada de imigrantes japoneses no país, essas pessoas passaram a ocupar as regiões das ruas Galvão Bueno e Estudantes, no bairro da Liberdade. A sua construção estética oriental Bairro da Liberdade data o ano de 1969, quando Randolpho Marques Lobato, jornalista e presidente da comissão de chineses, coreanos, japoneses e vietnamitas radicados ou estabelecidos no bairro da Liberdade, propõe o plano de orientalização do bairro da Liberdade. O objetivo era tornar o bairro uma espécie de China Town, para consolidar o local como um núcleo tipicamente oriental, além de um atrativo turístico nacional e internacional (BRAZO, 2017 *apud* GUIMARÃES, 1979).

Com esse objetivo, o bairro passou por diversas modificações, desde a mudança de fachadas, instalações de estruturas, até se tornar o que é hoje. Esse processo descaracteriza parte do bairro, por meio de programas e projetos de orientalização da Liberdade e com isso, ofuscou elementos históricos do espaço para atender a demanda turística e proporcionar o consumo da cultura japonesa.

Em setembro de 2023, durante o Festival de Cultura Geek, a produção do evento construiu o palco colado à estátua, “apagando” sua existência e desrespeitando o monumento e a memória da madrinha Eunice. Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice (1909-1995), que fundou a escola de samba Lavapés, considerada como a primeira escola de samba da cidade de São Paulo.



Na Praça da Liberdade, há uma estátua feita em sua homenagem, que foi esculpida pela artista Lídia Lisboa e inaugurada em abril de 2022. A estátua faz parte do projeto do Departamento do Patrimônio Histórico da cidade para homenagear personalidades negras da cultura paulistana e que fazem parte da história da origem.



Fig.03. A estátua da sambista negra Madrinha Eunice ficou escondida na lateral do palco durante o evento Festival de Cultura Geek na praça da Liberdade.

“Esses monumentos não são apenas testemunhas silenciosas do passado; eles são agentes ativos na elaboração de uma narrativa urbana mais inclusiva. Ao destacar a memória afro-brasileira, desafiamos não apenas a estética tradicional, mas também questionamos as narrativas que a cidade aceita e perpetua. Isso nos leva a refletir sobre a cidadania e as histórias que a cidade permite serem contadas. É neste ponto que surge a necessidade de analisar quais narrativas são promovidas para manter o poder hegemônico e quais são suprimidas, resultando em segregação.” (COSTA, 2024, p. 112)

O acontecimento gerou muita repercussão de coletivos e gerou protestos de integrantes do Movimento Negro por conta da falta respeito e preservação da obra. Costa (2024) comenta que a resistência das narrativas é um ato de preservação da memória coletiva, dessa forma desafia o esquecimento e a marginalização. E por meio de diferentes formas de expressão artística e crítica, as comunidades conseguem reivindicar espaço na construção da história e essa resistência ressignifica o passado, e também molda o presente e influencia a construção de futuras memórias. O desconhecimento dessa ancestralidade no local é explicada pelo processo de gentrificação que ocorreu no bairro da Liberdade.

Esse processo, segundo Ribeiro (2018) diz respeito a um movimento de renovação:

A palavra *gentrification*, incorporada em nosso vocabulário como gentrificação, surge de uma observação feita por Glass do processo de renovação de certas áreas da capital britânica na década de 60 do século XX, com a substituição de moradores mais pobres por outros integrantes de classes mais altas (RIBEIRO, 2018, p. 1338)

## **2 COMUNICAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

O jornalismo é fundamental para construir o imaginário coletivo, e atuar na manutenção da sociedade em vários âmbitos sociais. Sendo importante na difusão de informações relevantes que impactam a sociedade, fornecendo um olhar aprofundado sobre a pluralidade, e democratizando o acesso ao conhecimento. A comunicação também interfere na tomada de decisões do cotidiano, influenciando na opinião pública, fazendo a sociedade questionar e participar das atividades democráticas.

Com isso, a comunicação tem um papel de informar com qualidade, e fomentar conhecimento e educação para a sociedade, de forma imparcial e com clareza, trazendo relevância para histórias da sociedade. É significativo o fato de que, hoje em dia, os meios de comunicação possuem uma influência considerável sobre nossa sociedade. Por isso, ao se falar em memória coletiva e em mapas culturais de significados, é importante ressaltar que, atualmente, é na mídia que buscamos orientação, servindo-nos assim como ponto de referência para nossa sociedade (NASCIMENTO, 2014, p.10).

Quantas crianças cresceram assistindo televisão e lidava com a falta de representatividade de rostos negros? A comunicação teve papel fundamental na construção dessas imagens não identitárias, retroalimentando as imagens de controle e inferioridade. A comunicação imagética tem o poder de construir e potencializar narrativas e personagens na sociedade, e repercutir discursos em ampla escala, fomentando vários tipos de violências e opressões sociais. Para Silverstone (2005, p. 20), a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”.

Para Andrade (2023, p.172):

A mídia hegemônica, ao construir imagens e discursos, muitas vezes tonifica as formas de violência simbólica contra a população negra. A construção de estereótipos sobre pessoas racializadas apresenta ao imaginário coletivo regimes de visibilidade muitas vezes pejorativos, contribuindo para a invisibilização desses sujeitos e a incorporação de parâmetros ocidentais e eurocêntricos como universais.

Uma das formas de deslegitimar a população negra é o genocídio, que pode ser feito de duas formas, concreto ou simbólico, sendo visto pela morte física em massa de boa parte da população preta e parda, e também por planos de invisibilização e apagamento da memória. O processo concreto é quando ocorre o massacre de corpos, e o simbólico quando se nega o direito à autodefinição. Com isso, a generalização é uma das formas de destruição da identidade desse povo, e a mídia hegemônica pode ser um dos instrumentos dessas práticas (VELOSO e ANDRADE, p. 181, 2021 *apud* ABDIAS NASCIMENTO, 1978).

A utilização da mídia como instrumento de combate ao racismo, pode ser uma forma de reivindicar a libertação da colonialidade, e dar voz aqueles marginalizados. Dessa forma, trazendo consciência sobre as vivências, como dito no conceito “escrivência” da autora Conceição Evaristo (2023), ao comunicar por meio da escrita, o cotidiano e lembranças, ela consegue transmitir informações que desconstruir os imaginários racistas do racismo patriarcal.

## **2.1 PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E TRANSMISSÃO DA MEMÓRIA NEGRA**

A presença negra sempre foi apagada seja nas artes, ciências, religiões, ou em espaços públicos e territórios urbanos. Um dos fatores que contribuíram para essa dominação é a colonialidade, que agiu de forma incisiva deixando marginalizadas as vivências, dores e a existência do povo negro. Em combate a isso, surge o debate sobre a retomada de narrativas, buscando utilizar as diversas formas de comunicação para colocar as pessoas afrodescendentes como protagonistas.

Neste contexto, surge experiências jornalísticas mantidas pelo povo negro no Brasil, com objetivo é visibilizar pautas voltadas para a questão racial. Essas narrativas estão organizadas nas chamadas mídias negras, são operadas por grupos racializados que pensam, produzem e distribuem conteúdos em diversos formatos, interagindo com audiências interessadas nas temáticas abordadas (VELOSO e ANDRADE, 2021, p. 176).

O apagamento cultural na perspectiva racial negra discute que as histórias e memórias negras foram invisibilizadas por narrativas brancas. E o trabalho das

mídias negras auxiliam na libertação das consciências de nossos ancestrais afro-brasileiros que se aquilombaram para se proteger e nos deixar um exemplo de como resistir à dominação e à exploração (ANDRADE, 2023, p. 170).

A herança colonial que perpetua desigualdades e hierarquias de poder também influencia a formação de opiniões e perspectivas completamente enviesadas pelo eurocentrismo. A decolonialidade é proposta como uma lente crítica que, aliada à prática jornalística, questiona narrativas únicas e a construção de imagens estereotipadas sobre pessoas negras (ANDRADE e VELOSO, 2023, p. 167).

Neste conceito, Andrade e Veloso (2023, p. 170) refletem sobre o conceito de decolonialidade, que não busca simplesmente se desfazer da colonialidade, mas demonstra que, além disso, é preciso demarcar uma postura de revolução, lutando e apresentando novos contextos como alternativa. Logo, o decolonial questiona o projeto eurocêntrico e a ocidentalização do mundo, principalmente do ponto de vista epistêmico-cognitivo. E também questiona os modelos científicos e no que eles contribuem para a leitura crítica da sociedade ao longo do tempo. E com isso, podemos entender os movimentos negros na mídia, e trazer novas formas de pensar e resistir aos padrões eurocêntricos já apresentados.

A atuação das mídias negras brasileiras no combate ao racismo é vista pela produção de conteúdos relevantes para a comunidade preta. O objetivo na busca pela decolonização na comunicação é uma das causas na construção desse jornalismo antirracista. Os jornalistas trazem representação própria na constituição de novos espaços midiáticos, com a definição de novas agendas e abordagem dos temas.

As mídias negras brasileiras são espaços nos quais o jornalismo decolonial e antirracista acontece, pois oferecem uma alternativa de agenda e novas matrizes de visibilidade e discurso. A abordagem dessas mídias busca a pluralidade de vozes, com as experiências não ocidentalizadas e um olhar afrocentrado na comunicação. Experiências jornalísticas insurgentes como o Alma Preta, Revista Afirmativa, Mundo Negro, Notícia Preta e Negrê formam uma paisagem de grupos que instrumentalizaram o jornalismo como uma ferramenta de resistência na luta antirracista e a decolonização com base em ideais quilombistas (ANDRADE; VELOSO, 2023, p.167, *apud* NASCIMENTO, 2019).

Conforme Missiatto (2021, p. 256) comenta, a escravidão que agiu pelo princípio colonial, negou as narrativas diferentes e orquestrou uma sofisticada rede

de anulamento e invisibilização das narrativas subalternizadas. E ainda perdura socialmente esse apagamento, em várias esferas sociais, como da presença física e simbólica das diferenças dentro da literatura, das ciências, da filosofia, dos espaços de produção das linguagens, da lei e da justiça, das artes, da política, e das zonas de prestígio e poder social. Ele conclui que todas essas manifestações foram convertidas a uma única linguagem, a colonial, e por consequência as instituições, os pensamentos, as pessoas, os saberes, os espaços e as condutas foram transformados em uma polissemia de branquitude.

O esquecimento das memórias negras não acontece de forma natural, e sim por meio de ações intencionais executadas pelas elites coloniais que, desde o início da formação do país, agem de inúmeros modos de coibir o direito de Ser e estar das pessoas afrodescendentes na geografia dos saberes e dos territórios (Missiatto, 2021). O bairro da Liberdade é um exemplo em que a memória foi afastada e negada pelos centros narrativos, com a demolição de instituições que carregavam momentos históricos de protagonismo preto.

A importância dessa abordagem decolonial resgata narrativas esquecidas, e propõe olhares afrocentrados sobre questões pertinentes ao povo negro no âmbito político e social. Além de incentivar a promoção de projetos que retomam essas histórias como forma de reparação simbólica, de enfrentamento ao racismo e de combate às raízes das desigualdades, como o projeto "Sinalização e Reconhecimento de Lugares de Memória dos Africanos Escravizados no Brasil", lançado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) em 2023.

### **3 INICIATIVAS DE COMUNICAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NEGRA**

#### **3.1 EXEMPLOS DE PROJETOS E AÇÕES QUE UTILIZAM A COMUNICAÇÃO PARA PRESERVAR E DIVULGAR A MEMÓRIA NEGRA NO BAIRRO DA LIBERDADE**

A divulgação de projetos nas mídias sociais é uma das formas que os coletivos utilizam para propagar informações e disseminar o conhecimento para as pessoas. No Bairro da Liberdade há exemplos disso, que auxiliam no fortalecimento da luta antirracista e divulgação da cultura e memória negra. Veloso e Andrade

(2021, p. 177) defendem essa iniciativa que chamam de aquilombamento virtual midiático:

“[...] defendemos o aquilombamento virtual midiático como perspectiva metodológica que possibilite aos sujeitos negros a produção de narrativas não subalternizantes sobre o seu povo. A essa demanda estão associados o fortalecimento da luta antirracista; o empoderamento econômico, social e cultural do povo negro; a justiça cognitiva para as epistemologias negras; e igualdade de direitos à existência plena por meio do estabelecimento e/ou valorização de políticas públicas.

A União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), é um coletivo que atua no bairro da Liberdade, com o objetivo de restauração da Capela de Nossa Senhora dos Aflitos, e também fazer dela um Patrimônio Histórico, Material e Imaterial da Cidade de São Paulo, além de divulgar narrativas negro-indígenas no local, e sobre o culto ao santo popular Chaguinhas. O coletivo sem fins lucrativos foi formado em 2018, e por meio da comunicação nas mídias sociais, como Instagram e Facebook, informam sobre reuniões públicas, atualizações do projeto e também produzem conteúdos sobre a história negra no local. Com 8.361 seguidores no Instagram, o coletivo divulga também uma petição para de apelo às autoridades do estado de São Paulo, para o reconhecimento de Chaguinhas como patrimônio imaterial à tradição cultural legítima do povo paulistano, devido aos duzentos anos de culto e devoção. A petição já conta com 1.317 assinaturas e a meta é 1.500.

Em 2023, o Instituto Tebas e a produtora Esquisito Filmes, lançou o documentário “LIBERDADE NÃO É SÓ JAPÃO”, que sintetiza uma reunião pública realizada em 23 de setembro de 2023, na Praça da Liberdade junto à estátua da Madrinha Eunice, fundadora da Escola de samba Lavapés. O documentário apresenta uma aula expositiva após o acontecimento de desrespeito que o símbolo histórico sofreu durante o Festival de Cultura Geek.

O filme apresenta a aliança inédita entre a Organização da 20ª Marcha da Consciência Negra, a União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), o Instituto Tebas de Educação e Cultura e o Coletivo Amarelitude - Projeto Camélia, e mostra uma discussão sobre o apagamento do protagonismo negro-indígena no bairro, decorrente da mudança de nome da estação do metrô para Japão-Liberdade. Para Abdias Nascimento (2019, p. 290), “um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e

mobilização coletiva”, o uso dos meios de comunicação atuam de forma assertiva na divulgação dessa pauta, somando a luta política dos negros e também de indígenas paulistas, que disseminam sobre uma narrativa decolonial e menos excludente.

O nome da estação de metrô com acréscimo do termo “Japão”, gerou descontentamento não só da população negra, mas sim de outros grupos étnico-raciais que fizeram parte da criação do bairro. E claro, a mudança em 1º de junho de 2021, do nome da Praça da Liberdade para Liberdade-África-Japão, foi uma decisão como forma de preservação e resgate cultural do local, mas ainda sim há uma luta pelo reconhecimento do multiculturalismo do território.

O documentário tem caráter ativista mostrando uma manifestação contra as tentativas de imposição de uma história única para a Liberdade. A união que é apresentada nas cenas do filme, demonstra a importância da comunicação para a união da diversidade de agentes atuantes na causa e a representatividade étnica e cultural dessas pessoas. Dessa forma, a apresentação de uma aliança denominada histórica em uma produção audiovisual, trouxe diversas referências para a luta desses grupos étnicos na região. Os representantes ressaltam ainda sobre o princípio colonial, conforme Missiatto (2021) comenta, e sobre a política existente, que lida de forma confusa sobre como deveria tratar as questões de representatividade cultural do bairro. Com base nisso, a divulgação audiovisual por meio das mídias sociais atinge cada vez mais pessoas. Com cinco meses desde a publicação do documentário, ele consta com 5 mil visualizações no YouTube.

Outro projeto de comunicação que preservou e divulgou a memória negra do Bairro da Liberdade é a obra “Indivisível”, da Marília Marz, que foi um trabalho de conclusão de curso em formato de história em quadrinhos. A narrativa discute a cultura negra e leste-asiática presentes no bairro da Liberdade, e sua relação com o tempo e o espaço. A obra destaca a figura do Chaguinhas, contando sua história e importância para a cultura local. Após a publicação, o livro se tornou um instrumento acessível de propagação da história da Capela dos Aflitos, sendo utilizado por coletivos e a mídia negra para disseminar a ilustrar o personagem em matérias na imprensa e em produtos audiovisuais.

### **3.2 ANÁLISE DE COMO ESSAS INICIATIVAS IMPACTAM A COMUNIDADE E PROMOVEM A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Reconhecer a existência de mídias negras no contexto brasileiro é primordial, diante da invisibilidade imposta a essas iniciativas pelas grandes empresas de comunicação. Na historiografia jornalística, que se autoproclama oficial, elas sequer são citadas (BRITO, 2022, p. 82). Quando se fala da história da comunicação, dificilmente esse pequeno recorte é apresentado no currículo de formação das universidades brasileiras. Fazendo com que os periódicos feitos para e por pessoas não existissem, não mostrando a relevância para a luta do movimento negro.

No Bairro da Liberdade, “A Voz da Raça”, jornal que foi fundado por Francisco Costa, integrante da Frente Negra Brasileira (FNB), publicou 70 edições, com periodicidade semanal no início, posteriormente quinzenal, e em 1937, década do seu encerramento, tornou-se um jornal mensal. Tinha como cabeçalho a frase, atribuída a Isaltino Veiga dos Santos: “O preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”.

Mais do que uma finalidade informativa, A Voz da Raça era um canal simbólico de diálogo e reivindicações dos negros, uma vez que seu maior propósito era instigar a superação do conformismo e da passividade dos marginalizados, combatendo o preconceito racial em suas diversas formas e disseminando uma visão positiva da ancestralidade negra. Na página dedicada às “Notícias e Destaques do Passado” eram discutidas questões relevantes sobre etnicidade. Por essas razões, pode ser considerado um instrumento de preservação da memória social brasileira, ao registrar o período histórico pós-abolição (NASCIMENTO, R. 2017, p. 104).

O jornal, que tinha uma estrutura e organização político-social, combatia as opiniões racistas e pejorativas manifestadas na imprensa regular, e atuava no incentivo à ação de pessoas negras contra desigualdades. Além disso, o veículo também dava voz a essas pessoas que não possuíam espaço na sociedade. E se tornou uma referência para os futuros veículos que surgiram na imprensa negra.

A ideia de ser feito por negros para negros ainda é uma realidade, os coletivos de mídia negra atuam diariamente na propagação de informações que construam um senso crítico sobre as vivências de corpos negros. Além de fomentar conhecimento e conscientizar sobre a importância de discutir pautas raciais na sociedade.

Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República no Brasil, em 1889. O novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra. (...) Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos,



ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. (...) Simultaneamente, apareceu o que se denomina imprensa negra: jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões. (...) (DOMINGUES, 2007, p. 102-105)

Os jornais descritos por Domingues (2007, 102-105) apresentavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas dos periódicos denunciavam o regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas.

Partindo desse contexto histórico que explica o surgimento da imprensa negra nos tempos coloniais, no bairro da Liberdade, entende-se que a criação das mídias negras veio de uma necessidade dos excluídos terem espaço para expressar suas vontades, questionamentos e contar as suas histórias. A criação de um instrumento que dava voz aos marginalizados, possibilitou uma comunicação educativa, onde eram pautados temas pertinentes à população negra, principalmente a educação que era inacessível.

Em 2018, foi registrado um avanço nas criações de plataformas de mídia negra, segundo o Mapeamento da Mídia Negra no Brasil, de autoria do Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (Fopir), como detalha o infográfico a seguir, extraído da publicação:

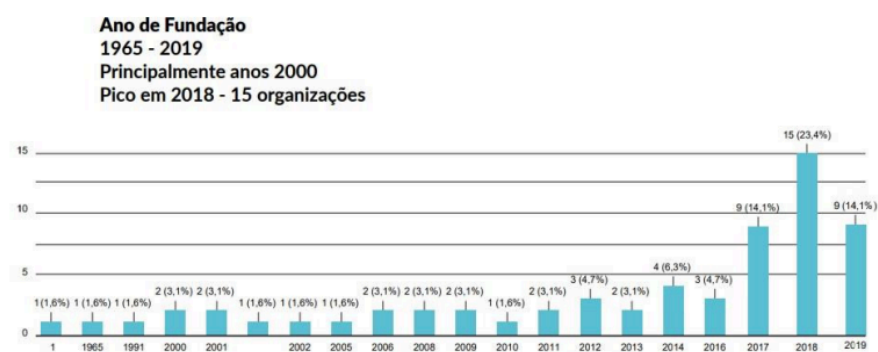


Fig.04. Gráfico: evolução das mídias negras brasileiras. Fonte: Fopir

O Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (Fopir) tem como objetivo impactar governos, parlamentares, formuladores e operadores de políticas públicas, mídia e a sociedade na luta por um estado democrático e inclusivo. O mapeamento realizado em 2020, é o mais recente do gênero e traz um levantamento de 65 organizações que se declaram como mídia negra, e atuam na luta contra o racismo. Entre elas, 44,4% se identifica como veículo de comunicação, 12,7% como coletivo, e 7,9% como Ong. Ainda segundo a pesquisa online, a prioridade editorial desses veículos é o combate ao racismo, com destaque para a presença feminina nas organizações, com muitas temáticas relacionadas às mulheres negras, como feminismos, lesbianismos e sexismos. Além disso, as organizações estão presentes nas três principais redes sociais de produção e repercussão de conteúdo da atualidade: Instagram, Facebook e X (antigo Twitter).

A Alma Preta Jornalismo é um dos veículos mais disseminadores da comunicação antirracista no Brasil. A agência de jornalismo especializada na temática racial no Brasil e no mundo, tem como missão informar a sociedade a partir da perspectiva racial negra e periférica, e responder aos anseios desse público com notícias multimídia. A agência também atua na valorização do conhecimento e da cultura negra, e com caráter político de questionar e exigir direitos à população negra.

A agência de jornalismo soma em suas redes sociais mais de 900 mil seguidores, sendo distribuídos dessa forma: 123 mil seguidores no Facebook, 103 mil seguidores no X (Twitter), 674 mil seguidores no Instagram, 24 mil no Youtube e 9.360 mil no TikTok. A agência dissemina conteúdos em vários formatos, entre eles textos, audiovisual e podcast. Abordando questões de todas as esferas do cotidiano da população negra, o bairro da Liberdade também foi uma pauta abordada pelo portal de comunicação:

## RESULTADOS DA PESQUISA POR: BAIRRO DA LIBERDADE

COTIDIANO • O QUILOMBO • CULTURA •

ÁFRICA & DIÁSPORA • ALMA PRETINHA •

SAÚDE • EDITORIAL



COTIDIANO

**Marco da história negra no Bairro da Liberdade, Capela dos Aflitos faz 241 à espera de reforma e memorial**

COTIDIANO

**No bairro da Liberdade em SP, Memorial do Aflitos vira lei e resgata a história da população negra**

COTIDIANO

**Cabo negro que dá nome ao bairro da Liberdade, em São Paulo, recebe cortejo e missa**

Ativar o Windows  
Assista a vídeos e atualize as ferramentas

Fig. 05. Reprodução de pesquisa realizada no site da Alma Preta Jornalismo. Fonte: Alma Preta Jornalismo.

Em agosto de 2023, a Alma Preta Jornalismo lançou seu próprio manual de redação antirracista, que foi repercutido amplamente na imprensa. O livro *“Manual de Redação: o jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta”*, foi publicado após três anos de estudo e trabalho de pesquisadores, jornalistas e estudantes, se tornando um marco para a agência e de contribuição para a discussão sobre o jornalismo brasileiro. Disponibilizado de forma gratuita, o Manual de Redação da Alma Preta foi desenvolvido para suprir duas demandas compartilhadas por gerações de jornalistas e comunicadoras negras: o desejo de reunir os aprendizados da população negra ao longo da história da imprensa e a criação de paradigmas para servir de norte para as práticas da mídia negra.

O livro surgiu a partir do compromisso que a agência tem de combater o racismo e as desigualdades por meio de um jornalismo pautado na informação de interesse público. O manual é um estudo aprofundado e foi construído a partir de materiais com mais de dois séculos de história, e sua publicação foi pensada na estratégia de democratizar o acesso à informação. Além de ser uma ferramenta para potencializar o trabalho de jornalistas negros e das periferias do ponto de vista técnico e ético. A partir do conceito explicado por Oliveira e Veloso (2023) é possível entender esse movimento da agência:

"Precisamos desse exemplo de união legado pela República de Palmares para superar e radicar o racismo e seus duplos": as palavras de Munanga (1996, p.63) parecem o lema adequado para os objetivos aos quais as mídias negras se propõem. Nessas mídias, os sujeitos são parte das processualidades. Não apenas constroem os discursos disseminados pelos meios, como também inserem nessas narrativas suas subjetividades socioculturais e históricas. Faz-se necessário, por

consequente, desenvolver uma ferramenta metodológico-interpretativa que possibilite o entendimento dos mecanismos que movem esse fenômeno. (VELOSO e ANDRADE, p. 177, 2021)

Com isso, é perceptível que o acesso a essa informação facilita o entendimento para que cada vez mais mídias negras apareçam e o protagonismo negro receba alcance maior sobre seu conteúdo midiático, influenciando a mídia tradicional com as narrativas socioculturais históricas.

### **3 METODOLOGIA**

O tipo de pesquisa utilizada no presente artigo foi descritiva e exploratória em relação aos objetivos, a fim de compreender conceitos aplicando uma proximidade ao tema. Neste sentido, a análise foi realizada a partir de estudos de fatos históricos resgatados por meio de publicações da época, matérias da imprensa atual e pesquisas de autores que ajudaram a elucidar a relevância do tema.

Os procedimentos de coleta de dados, foram através da pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem qualitativa, a fim de relacionar conceitos técnicos com a abrangência das mídias na comunicação social.

Ao longo da construção da pesquisa, foi realizado o estudo da história e memória negra no bairro da Liberdade por meio de pesquisas bibliográficas que trazem o histórico e descrevem os fatos da época, como apresentando por Onaga (2022) e Barone (2021). Além de entender conceitos previamente estudados sobre a resistência e preservação da memória coletiva, como analisado por Costa (2024) e Silverstone (2005), que apresenta o papel da mídia em moldar o cotidiano e a memória das pessoas.

A pesquisa também referencia outros autores como Nascimento (2014) e Evaristo Conceição, que trazem conceitos atuais e importantes para entender a importância da comunicação na formação de novas narrativas, colocando o protagonismo em pessoas negras. Assim como os conceitos técnicos de decolonialidade, explicados por Veloso e Andrade (2023), ao falar sobre a prática jornalística, de questionar narrativas únicas e a construção de imagens estereotipadas sobre pessoas negras, e Abdias Nascimento que enxerga a mudança social a partir do esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, ao utilizar os meios de comunicação para atuar na restauração e formação de novas ideias, e também auxiliar no combate do racismo.

A pesquisa também utiliza de estudos de Brito (2022), para entender a movimentação de mídias negras e o seu papel destaque na comunicação, como agentes atuantes sociais e políticos, para construírem identidades e popularizarem conceitos - históricos ou contemporâneos - sobre o povo do qual são parte.

Entende-se também a partir desta pesquisa, a importância de racializar o jornalismo, ao trazer a relevância de um manual antirracista, publicado pela Alma Preta Jornalismo, que foi um marco para a imprensa brasileira e as redações hegemônicas. Como objeto de estudo, o manual é só mais um instrumento apresentado ao longo da pesquisa, que esclarece a necessidade do questionamento da representatividade negra, tanto na abordagem das histórias, como na participação da negritude, e na criação de uma autoimagem positiva da população negra.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Realizar um breve histórico do bairro da Liberdade resultou em uma síntese do passado colonial do Brasil. A partir desta pesquisa, é possível entender como vários fatores se entrelaçam durante o desenvolvimento da história da população negra. E a comunicação esteve sempre presente, mesmo quando não era ouvida. Ao costurar a história, conceitos e teorias, é possível entender o papel da comunicação em resgatar essas memórias negras apagadas. Não apenas no fato de contar elas para a sociedade, mas mudar a forma como podemos apresentar e representar essas narrativas.

O processo de reivindicação de culturas no bairro da Liberdade é mais profundo do que aparenta, não é apenas a falta de uma estátua de uma figura importante para origem do bairro, e sim, porque a estátua da madrinha Eunice foi desrespeitada durante um evento da cultura japonesa. O entendimento dessas micro agressões, é pautado nas ações de colonialidade, que são diariamente confrontadas pelas mídias negras, apresentando um jornalismo onde auxilia na democratização do acesso a essas informações.

A importância da abordagem decolonial, segundo Andrade e Veloso (2023), contribui para o resgate de narrativas esquecidas, e propõe olhares afrocentrados sobre questões pertinentes ao povo negro no âmbito político e social, exigindo

direitos e questionando o Estado em várias dimensões da vida cotidiana. E incentivam a promoção de projetos que retomam essas histórias como forma de reparação simbólica. Essa abordagem é vista realizada nas mídias negras, que exploram novas narrativas, deixando de lado as imagens estereotipadas sobre pessoas negras.

Ao falar do esquecimento das memórias negras, chegamos ao ponto que as histórias foram apagadas de forma intencional, por meio de ações intencionais executadas pelas elites coloniais que, desde o início da formação do país, agiram de inúmeros modos de coibir o direito de Ser e estar das pessoas afrodescendentes na geografia dos saberes e dos territórios, conforme apresenta Missiatto (2021). Mas a luta do movimento negro registrou e iniciou um processo que até hoje se mantém, com a criação de um jornal feito por negros para negros, “A voz da Raça”. Sendo que são registros nos quais, poucas universidades dão atenção para a importância desses documentos no jornalismo brasileiro antirracista.

Como apresentado por Silverstone (2005, p. 20), a mídia tem papel de filtrar e moldar as realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum. Dessa forma, as produções audiovisuais de coletivos, movimentos e mídias negras auxiliam no processo de entendimento da sociedade sobre questões raciais e a importância desses assuntos para o desenvolvimento social.

Com o jornalismo antirracista, novos espaços midiáticos são construídos, com a definição de novas agendas, abordando os temas marginalizados, e intervêm também na questão da composição das redações de comunicação, trazendo mais representatividade. O Mapeamento da Mídia Negra no Brasil da Fopir, mostrou o avanço nas criações de plataformas de mídia negra, significando que podem ser valorizadas as múltiplas vozes, trazendo um olhar afrocentrado sobre a comunicação, principalmente na criação de manuais e formas de abordar questões importantes para o povo negro.

Por meio desta análise, é possível concluir que a comunicação é um dos maiores instrumentos de combate ao racismo pela população negra, ao comunicar, registrar e denunciar desigualdades. A sua importância incide desde os tempos

coloniais, com o surgimento dos primeiros veículos de comunicação, que contribuíram para registrar e personificar o negro na sociedade. As mídias negras que surgiram recentemente são cruciais para preservar e resgatar a cultura negra na perspectiva da negritude brasileira.

Dessa forma, esta pesquisa conclui sobre como as mídias negras rompem com a cultura do silêncio, que foram impostas no decorrer do tempo às vozes negras pelo racismo estrutural (Paulo Freire). E como o aquilombamento virtual (Velooso e Andrade 2021, p. 177), atua na preservação da memória e história, e promove ações na luta contra o racismo.

Por fim, como dito no conceito “escrevivência” da autora Conceição Evaristo (2023), ao comunicar por meio da escrita, o cotidiano e lembranças, é possível trazer consciência sobre as vivências afro-centradas, e transmitir informações que podem desconstruir os imaginários racistas do racismo patriarcal.

## 6 REFERÊNCIAS

ANIZELLI, Eduardo. **Capela dos Aflitos**. Folha de S.Paulo. 2018. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1609621348748110-capela-dos-aflitos>>

ARAÚJO, Valmir Teixeira de; PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Imprensa negra brasileira na internet**. Trabalho apresentado, n. 40º, 2017.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista brasileira de ciência política, 11, 89-117. 2013

BARONE, ANA CLÁUDIA CASTILHO. **Liberdade e Punição: O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade?**. Cadernos Proarq, n. 36, 2021.

BRAZO, D. d. A. **Turismo Otaku: Nova tendência de turismo sob o olhar dos otakus no bairro da Liberdade**, em São Paulo. 2017.

BRITO, Bruno de Castro. **Tudo o que nóiz tem é nóiz: um estudo sobre narrativas negras do jornalismo brasileiro**. Orientadora: Vera Regina Rodrigues da Silva. 2022. 212 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Fortaleza, 2022.

COSTA, Felisberto Sabino da. **Idade, memória e artes performativas**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 110 p, 2024.

DE ANDRADE, Alice Oliveira; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Sob o eco dos quilombos**: o compromisso das mídias negras com o jornalismo antirracista. 2023.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Niterói: Revista Tempo. vol.12. nº.23, 2007.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

FURTADO VELOSO, Maria do Socorro; OLIVEIRA DE ANDRADE, Alice. **Aquilombamento virtual midiático**: Uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras. ALCEU, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 172–189, 2021. DOI: 10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.247. Disponível em: <<https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/247>>. Acesso em: 15 maio. 2024.

**Mapeamento da Mídia Negra no Brasil**, de autoria do Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (Fopir). Estudo disponível em: <<http://fopir.org.br/fopir-lanca-mapeamento-da-midia-negra-no-brasil/3091>>. Acesso em 25 mai. 2024.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. **Memoricídio das populações negras no Brasil**: atuação das políticas coloniais do esquecimento. Revista Memória em Rede, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Mídia e Memória**: uma breve análise do uso dos meios de comunicação na construção da memória coletiva e individual. In: XVI Congresso de ciências da comunicação na região nordeste. João Pessoa. p. 01-15, 2014.

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. **A história na teleficção**: ecos do jornal A Voz da Raça na construção da memória social. Contracampo, Niterói, v.35, n. 03, dez. 2016/ mar. 2017.

OLIVEIRA DE ANDRADE, A.; FURTADO VELOSO, M. do S. **Que o giro se faça roda**: o jornalismo antirracista das mídias negras como movimento circular e decolonial. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.10.21880. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21880>>. Acesso em: 25 maio. 2024.

ONAGA, Mario Takeyoshi. **Um espaço de cultura e memória no bairro da Liberdade em São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2022.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. **Gentrificação**: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil / Gentrification: conceptual and practical aspects of its



verification in Brazil. Revista de Direito da Cidade, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1334–1356, 2018. DOI: 10.12957/rdc.2018.31328. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/31328>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

## **BIBLIOGRAFIA**

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista brasileira de ciência política, 11, 89-117. 2013

BATALLER, Maria Alba Sargatal; BOTELHO, Maurilio Lima. **O estudo da gentrificação**. 2012.

BOCCI, Diego Segobia. **Bairro da Liberdade e a imigração japonesa**: a ideia de Bairro Japonês. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, n. 2, 2009.

BORGES, Pedro. **É tempo de se aquilombar**. Portal Alma Preta, São Paulo, 30 abr. 2019. Editoria O Quilombo. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/e-tempo-de-se-aquilombar>>. Acesso em: 27 mai. 2024

CHAVES, Gisele Matos. **A imprensa negra através do jornal A Voz da Raça**: uma São Paulo de negros para negros. São Paulo, 2016. 20 p. Sequência Didática, Trabalho final, FLH0425-Uma, 2016.

CRUZ, André Pompolini da et al. **As manipulações da memória e da raça no periódico “A Voz da Raça” (1933-1934)**. 2022.

SOUZA, Bruna Miyazaki de. **Memórias da liberdade**: uma análise das transformações no bairro da Liberdade, em São Paulo, a partir da renomeação da estação de metrô para “Japão-Liberdade”. 2020.

STROPASOLAS, Pedro. **Capela dos Aflitos**: a luta para salvar um símbolo da história negra do centro de São Paulo. Brasil de Fato. 20 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/20/capela-dos-aflitos-a-luta-para-salvar-um-simbolo-da-historia-negra-do-centro-de-sao-paulo>>

DE ARAUJO, Valmir Teixeira. **O papel da imprensa negra brasileira**. Revista Alterjor, v. 20, n. 2, p. 212-228, 2019.

DE ARAUJO, VALMIR TEIXEIRA; PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Imprensa negra e cidadania**: conteúdos do Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. Matrizes, v. 15, n. 2, p. 229-250, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/1430/143068488019/143068488019.pdf>>. Acesso em: 02 mai.2024.

DOS SANTOS, Leonardo Rodrigues; NOGUEIRA, Flávio. **Do passado roubado à instalação da memória como ferramenta de cura**. Análise do quadrinho “Indivisível” de Marília Marz. 2022.

LIMA, Nathalia Diorgenes Ferreira. **Preto é o lugar onde eu moro**: o racismo patriarcal brasileiro. Revista Katálisis, v. 25, p. 242-251, 2022.